



Paulo Renato: melhoria no ensino depende de professores treinados

EDUCAÇÃO

Ministro diz que influência política traz muito prejuízo

Não existe nada pior para o ensino brasileiro do que professor mal pago, aluno sem livro didático e político na escola. Essa é a opinião do economista gaúcho Paulo Renato Souza, ministro da Educação. Ex-reitor da Unicamp e secretário de Educação de São Paulo no governo Franco Montoro, Paulo Renato está convencido, depois de um ano e meio no cargo, de que o grande mal na educação no país é a interferência política na sala de aula, que leva os governantes a trocar programas de ensino com a mesma rapidez com que substituem reitores e diretores.

Paulo Renato diz que nas regiões mais atrasadas, nos estados do Nordeste, o apadrinhamento é regra geral. Ele cita como exemplo de resistência a esse tipo de mentalidade a secretária de Educação de Goiás, Terezinha Vieira dos Santos. Segundo o ministro, Terezinha é dura com os políticos que a procuram e não permite que qualquer interesse esteja acima do educacional.

"A melhoria do ensino depende de professores bem treinados, de uma política adequada de valorização da escola, de não haver interferência política mudando o diretor de escola daqui para lá. A interferência política sempre é ruim. A cobrança tem que ser institucional e não para nomear esse ou aquele apadrinhado político para a direção da escola ou como professor. Infelizmente a educação no Brasil vai mal em grande parte devido a essa interferência", disse o ministro.

FIM DO REINADO

Para o ministro, o reinado das grandes editoras está no fim com o expurgo pelo MEC de 263 livros didáticos de Primeiro Grau que apresentavam erros grotescos. O mesmo será feito agora com os livros de Segundo Grau. O ministro diz que a maioria dos 63 livros recomendados pelo MEC é de editoras pequenas, que têm mais cuidado em sua elaboração.

"A democratização da escolha dos livros", diz Paulo Renato, "transformou professores em reféns do violento marketing das grandes editoras, que trocaram o cuidado técnico pela produção de best sellers de péssima qualidade". Paulo Renato lembra que em países como o México existe um único livro didático. O Brasil partiu para o outro extremo.

"Abrimos a porta para que as editoras mais ricas passassem a ter um esquema de marketing em cima dos professores. E a escolha passou a ser muito influenciada pelo marketing, sem a análise cuidadosa da qualidade do livro. As grandes editoras tomaram conta. Nós vamos deixar o professor escolher, mas vamos ajudar. Primeiro, eliminando o que é lixo, o que não dá para comprar", garante.

FORTELECIMENTO

O ministro Paulo Renato acredita também que o expurgo dos livros ruins terá como primeira consequência prática o fortalecimento do papel dos editores técnicos, que já vinham alertando as editoras sobre a qualidade dos livros. É a vitória do técnico sobre o comercial.

"Por que um editor vai se preocupar em pagar uma revisão profunda do livro se ele vende qualquer coisa, se o MEC compra qualquer coisa?", indaga o ministro da Educação.